

OLHAR, REGISTRAR E REFLETIR: A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS NO NÚCLEO DE ESTUDO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Mayara Benjamim de Oliveira ¹
Thais Macedo Nedisberg ²
Sibelly Martins Miranda ³
Ana do Carmo Goulart Gonçalves ⁴

RESUMO

Este artigo emerge das experiências vivenciadas pelas bolsistas do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância (NEPE) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), com destaque para o projeto de extensão Ateliê da Infância. O texto explora algumas experiências com a documentação pedagógica, considerando práticas realizadas com crianças e a formação de bolsistas. Como forma de balizar tais experiências, recorre-se a autores(as) como Ostetto (2008), Warschauer (2017), Pinazza e Fochi (2018). O estudo analisa como o planejamento, a observação, os registros e a escrita reflexiva contribuem para aprimorar as práticas educativo pedagógicas, valorizando o protagonismo das crianças e a formação inicial das bolsistas do NEPE. A metodologia contempla ações diversas, como visitas às escolas atingidas após as enchentes do Rio Grande do Sul; ações realizadas com as crianças recebidas no espaço do Ateliê da Infância e relatos que moveram as bolsistas a realizarem os registros reflexivos. Os resultados apontam para a documentação pedagógica como elemento central para a construção de elos teórico-práticos, fortalecendo a memória educativa e a importância de uma educação que respeita e valoriza a infância.

Palavras-chave: Documentação Pedagógica, Planejamento, Observação, Registros, Formação Inicial.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge das experiências vivenciadas no Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação da Infância (NEPE). O NEPE configura-se como um núcleo de ensino, pesquisa e extensão da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), o qual conta com diversas ações em que, ao longo de uma trajetória de 28 anos, vem viabilizando a produção de projetos de ensino, pesquisa e extensão na área da infância, da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de maneira interdisciplinar, possibilitando uma troca entre profissionais de diferentes áreas do conhecimento.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, mayarabenjamim11@gmail.com ;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Thais2005.nedisberg@gmail.com ;

³ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sibellymiranda@gmail.com ;

⁴ Doutora em Educação Ambiental, PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Professora Titular na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, acarmogg@gmail.com



Dentre suas iniciativas, destaca-se o **Ateliê da Infância**, um projeto de extensão que possui um espaço próprio situado no Instituto de Educação da FURG. Dentre outras atividades, o Ateliê realiza oficinas, elabora materiais pedagógicos e vivências das múltiplas linguagens para as crianças, configurando-se como um espaço de formação inicial e continuada à docência referente às duas primeiras etapas da Educação Básica.

Para o desenvolvimento do ateliê, são realizadas 7 ações: Capacitação da Equipe; Reuniões de Organização, Planejamento e Avaliação; Pesquisa e Confeção de Materiais; Brincadeiras e Vivências com as Múltiplas Linguagens; Ateliê Itinerante; Oficinas Pedagógicas e Clube de Leitura. Cabe ressaltar que todas ações envolvem a participação de todos vinculados ao projeto.

Para a realização das atividades extensionistas, as bolsistas do núcleo se reúnem uma vez por semana, a fim de apropriar-se teoricamente das discussões e temáticas emergentes que envolvem as ações vivenciadas no ateliê. Atualmente, o foco desses estudos tem sido o planejamento e a documentação pedagógica, uma demanda identificada a partir das ações realizadas com as escolas. Das quais, tratam-se de visitas às escolas de Educação Infantil, desenvolvendo atividades com as crianças, como a teatralização de histórias, oficinas de construção de massa de modelar, confecção de varinha de condão, construção de espaços brincantes e a entrega de materiais pedagógicos proporcionando um espaço de acolhimento e interação para as crianças afetadas pelas cheias no Rio Grande do Sul em 2024.

Concomitante às visitas, o Ateliê também recebeu escolas de Educação Infantil, promovendo tardes brincantes para as crianças. Através dessas experiências, ao longo dos dias, foi possível perceber a importância do planejamento para aspectos fundamentais da organização e execução das atividades. Por exemplo, identificamos a necessidade de estruturar um fraldário, pois, independentemente da idade das crianças, esse espaço pode se fazer necessário. Além disso, o planejamento tornou-se essencial para adequar as atividades às diferentes faixas etárias e também as especificidades advindas de cada criança, garantindo que pudessem participar de forma significativa. Após cada visita, o grupo se reuniu para refletir sobre as ações realizadas, conseguindo avaliar o que funcionou bem e o que poderia ser aprimorado. Esse momento de troca e análise, permitiu ao grupo, perceber ajustes necessários, desde a logística até a abordagem pedagógica, contribuindo para um trabalho mais estruturado e alinhado às necessidades das crianças e das escolas envolvidas. E é com base nessas experiências e reflexões que o presente texto foi construído, destacando as relações entre o planejamento e a documentação pedagógica nas práticas com as crianças que



participam das propostas organizadas pelo ateliê Para (Pinazza; Fochi 2016 *Apud* FOCHI, 2018, p.14).

A prática da documentação pedagógica é reconhecida como condição indispensável para garantir a construção de uma memória educativa, de evidenciar o modo como as crianças constroem conhecimento, de fortalecer uma identidade própria da educação das crianças pequenas e da construção da qualidade dos contextos educativos.

Logo, o Ateliê compreende a documentação pedagógica como um elemento essencial que tem permitido após cada ação realizada, registrar e refletir sobre as experiências vividas, permitindo não apenas aprimorar as propostas futuras, mas também possibilitando um olhar mais atento para as crianças, suas interações, expressões e formas de aprendizagem. A documentação se torna, assim, um instrumento de aperfeiçoamento contínuo, favorecendo a construção de práticas cada vez mais sensíveis e qualificadas no trabalho com a infância.

Importante destacar que, dentre as experiências que contribuíram para a escrita deste estudo, destaca-se a ação realizada no período após a enchente em 2024 que assolou o Estado do Rio Grande do Sul. Por meio do projeto de extensão intitulado “Dos locais de abrigo ao retorno às escolas: mapeando impactos e implementando ações nas escolas de Educação Infantil atingidas pelos eventos climáticos no RS”. Projeto, que faz parte das ações extensionistas do NEPE, e foi desenvolvido em colaboração com o Fórum de Educação Infantil do Extremo Sul Gaúcho (FEIESG), a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) e a Secretaria de Município de Educação do Rio Grande (SMED).

No decorrer dessas ações, o projeto também integrou a Campanha Nacional “Acolha uma Escola de Educação Infantil no RS”, promovida pelo Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (MIEIB). Essa campanha visava apoiar escolas afetadas por meio de visitas que buscassem acolher suas necessidades, seja com a entrega de materiais, seja por meio de formações pedagógicas, visando mitigar os rastros das enchentes que deixaram diversas marcas nas famílias que foram atingidas, mas que naquele momento pós enchente, precisavam voltar à rotina. Posterior às enchentes, as escolas voltaram a sua função e, nesse sentido, mirou-se nelas, promovendo ações que pudessem de alguma forma, contribuir para amenizar os impactos deixados.

METODOLOGIA

As reuniões do projeto ocorrem às terças-feiras e são estruturadas a partir da leitura e debate de textos previamente selecionados. A coordenadora do projeto, em conjunto com a



equipe, escolhe um artigo, capítulo de livro ou outro material relevante, de acordo com os temas considerados necessários no momento. O texto é lido antecipadamente pelos participantes, e durante o encontro realizamos uma discussão coletiva, relacionando os conceitos teóricos com as experiências práticas vivenciadas no NEPE.

Ainda em 2024, o Ateliê da Infância, através da sua 3ª ação, recebeu escolas de Educação Infantil, proporcionando tardes brincantes às crianças. O contato com as escolas é estabelecido por meio das mídias sociais do projeto. E após o primeiro contato, é enviado um formulário para que a escola forneça informações detalhadas sobre a turma, como número de crianças e faixas etárias. Com base nesses dados, é elaborado um planejamento que dê conta da especificidade e contexto de cada escola, que posteriormente é compartilhado com a escola para aprovação.

Uma vez que ambas as partes estejam alinhadas, o espaço do Ateliê é organizado de acordo com o planejamento. Por exemplo, em caso de teatralizações, são preparados os figurinos e o ambiente para a apresentação, além da organização de espaços para as brincadeiras. E assim, a visita é realizada, promovendo momentos de interações lúdicas entre as crianças e as bolsistas.

Posteriormente às visitas realizadas e às interações ocorridas no Ateliê, o grupo envolvido reúne-se para dialogar sobre as experiências vivenciadas. Esse momento reflexivo é essencial para compartilhar percepções individuais, identificar desafios, novas possibilidades, sobretudo ao que tange ao planejamento cuidadoso para receber crianças e promover uma experiência enriquecedora.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente estudo fundamenta-se em abordagens teóricas que ressaltam a importância do planejamento pedagógico e da documentação como práticas essenciais para a reflexão e o aprimoramento contínuo no contexto educativo. Nesse sentido, Ostetto (2008) destaca o papel do planejamento como uma ferramenta não apenas organizativa, mas também reflexiva, que possibilita a antecipação de cenários, a escolha de estratégias pedagógicas e a valorização das singularidades das crianças.

Além disso, o conceito de documentação pedagógica, amplamente discutido no campo da educação, especialmente nas práticas inspiradas na abordagem de Reggio Emilia, é compreendido como um processo que vai além do simples registro de atividades. Conforme Pinazza e Fochi (2018), a documentação pedagógica articula planejamento, experiência e

reflexão, permitindo que educadores acompanhem o desenvolvimento das crianças, revisitem práticas realizadas e construam narrativas que potencializam o diálogo entre teoria e prática.

Ao explorar essas perspectivas, este estudo busca compreender como o planejamento e a documentação pedagógica se inter-relacionam, contribuindo para a construção de uma prática educativo-pedagógica que valoriza as experiências vividas pelas crianças e possibilita o aperfeiçoamento contínuo do trabalho docente. A documentação pedagógica tem se consolidado como uma ferramenta essencial na Educação Infantil, permitindo que professores reflitam sobre suas práticas e compreendam os processos de aprendizagem das crianças. Segundo Filho e Gonçalves(2024), a documentação pedagógica não é apenas um registro das atividades realizadas, mas um instrumento de análise e pesquisa, que possibilita aos educadores revisitarem suas práticas e ampliem a compreensão sobre o desenvolvimento infantil.

A documentação pedagógica é vista como uma construção de narrativa, um testemunho realizado com suporte do conhecimento específico das professoras e também do registro (Filho; Gonçalves, p.9 2024).

Dessa forma, a documentação não deve ser entendida apenas como um acúmulo de registros, mas sim como um processo investigativo que dá visibilidade às experiências infantis e contribui para a formação dos professores.

O planejamento pedagógico, por sua vez, está diretamente relacionado à documentação, pois a análise dos registros possibilita ajustes nas propostas e intervenções docentes. Lopes (2024) enfatiza que a organização do ambiente e a preparação intencional das propostas pedagógicas são fundamentais para acolher as crianças e proporcionar experiências significativas:

O cuidado na organização dos espaços estéticos idealizados para receber as crianças propiciou, além de acolhimento, bem-estar e curiosidade, um ambiente favorável à aprendizagem e à interação (LOPES, 2024).

Essa perspectiva está alinhada à abordagem de Reggio Emilia, que valoriza a documentação como um processo contínuo de pesquisa, reflexão e escuta das crianças. Ao documentar a prática, os professores podem analisar quais experiências geram maior envolvimento, quais estratégias precisam ser ressignificadas e de que forma a organização dos espaços influencia o brincar e as interações infantis.

Silva (2024) reforça que a observação e a escuta das crianças devem guiar o planejamento pedagógico, garantindo que as propostas sejam construídas a partir dos



interesses e necessidades do grupo. Dessa forma, o núcleo reconhece que a documentação pedagógica exerce influência direta no planejamento, servindo como um instrumento essencial para a reflexão e a organização das práticas educativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as discussões, destacaram-se aspectos sobre a importância da preparação prévia dos espaços, a escolha de atividades e o desenvolvimento de abordagens que valorizam a escuta ativa e o protagonismo infantil. Além disso, foram analisados os impactos das interações no fortalecimento dos vínculos e no estímulo à criatividade das crianças. Essa etapa permitiu que o grupo identificasse boas práticas e traçasse estratégias para aprimorar futuras iniciativas, reforçando o compromisso com uma abordagem acolhedora e planejada intencionalmente. Assim Ostetto, (2008, p.09) traz que, para ocorrer o planejamento:

O importante é exercitar o olhar atento, o escutar comprometido dos desejos e necessidades do grupo revelados em seus gestos, falas, expressões, em suas linguagens, enfim. O planejamento não é ponto de chegada, mas ponto de partida ou “portos de passagens”, permitindo ir mais e mais além, no ritmo da relação que se construir com o grupo de crianças.

Foi a partir deste momento, que refletimos sobre os aspectos positivos e as áreas que necessitavam de aprimoramento. E nesse contexto, emergiu o interesse pelo tema da documentação pedagógica, permitindo-nos identificar conexões entre o planejamento inicial, as experiências práticas e os registros reflexivos.

Percebemos que a documentação pedagógica não apenas se desenvolve a partir de um planejamento estruturado, mas também se enriquece com as vivências e os registros das experiências realizadas. Esse ciclo dinâmico – que envolve planejar, experimentar, registrar e revisar – revelou-se fundamental para moldar uma documentação pedagógica significativa. Já que “[...] planejar e documentar são ações contíguas, andam juntas, uma alimentando a outra” (Ostetto, 2017, p. 29).

Assim, os registros das interações com as crianças e das melhorias contínuas no planejamento tornaram-se instrumentos valiosos para compreender e aprimorar a prática educativo-pedagógica, consolidando a documentação como um reflexo e uma extensão do processo da formação inicial das bolsistas.

As autoras deste estudo entendem que a criança como alguém que “[...] pensa, sente e questiona, aceita e rejeita, diz sim e não; possui uma identidade relacional que participa do

lugar ao qual pertence [...]’’, em conformidade com o que preconiza Oliveira-Formosinho, 2019, p. 115.

Nesta esteira, em meio à calamidade instaurada no município devido às enchentes, o NEPE volta o olhar às crianças, considerando que em uma sociedade adultocêntrica, por vezes, se esquece que as crianças também participam do lugar ao qual pertencem e constroem uma identidade relacional com ele, local este que se encontrava alagado.

Por isso, as ações também foram direcionadas às crianças, que também foram impactadas, embora a parte administrativa do momento ficasse a cargo dos adultos. Segundo Hawkins (2016, p. 93), respeitar as crianças é mais do que reconhecer as suas potencialidades no abstrato, é também buscar e valorizar suas realizações – por menores que pareçam diante dos padrões normais dos adultos. Assim, foi possível valorizar e reconhecer as crianças que também passaram pelo medo, apreensão e insegurança, sejam aquelas que foram atingidas direta ou indiretamente. Sendo assim, a documentação pedagógica surge pois

permite ao educador observar a criança em seu processo de construção do conhecimento, fornecendo pistas ao planejamento, entendido como processo construído com base na observação que se faz dos interesses e das necessidades das crianças, em uma pedagogia da escuta (Marques; Almeida, 2011, p. 415).

Considerando este contexto, surge a necessidade de se refletir acerca de um planejamento que dê conta de toda essa especificidade, objetivando “proporcionar às crianças aquele tipo de ambiente que potencialize seus interesses e talentos e que aprofunde seu envolvimento na prática e no pensamento” (Hawkins, 2016, p. 93).

Para Warschauer (2017), a proposta de registrar é deixar marcas que retratam uma história vivida, outro ponto que torna essencial o uso da documentação pedagógica atrelada às ações realizadas através do NEPE, sobretudo neste período histórico que ocorreu no Estado do Rio Grande do Sul. No entanto, a proposta, surge muito antes de qualquer contexto específico, como uma necessidade de compreender as crianças, suas histórias e seus processos de aprendizagem. Uma vez que, fazer refletir é não cair no esquecimento das infâncias marcadas pela enchente, somente assim é possível:

[...] da(r) concretude ao pensamento, dando condições assim de voltar ao passado, enquanto se está construindo a marca do presente. É neste sentido que o registro escrito amplia a memória e historiciza o processo, em seus momentos e movimentos (Freire, 1996, p. 41).

Desde as primeiras visitas, percebemos a necessidade de refletir sobre a organização das propostas, considerando não apenas os aspectos logísticos, mas também a intencionalidade



pedagógica por trás das atividades. Ao planejar a teatralização, questionamos quais turmas seriam envolvidas, quais idades seriam abrangidas e qual o número adequado de crianças para garantir um ambiente acolhedor e estimulante. Além disso, discutimos se a forma como a história seria apresentada permitiria uma participação ativa das crianças e estimularia sua criatividade na construção de enredos imaginários. Essas reflexões se alinham ao que afirmam Horn e Gobatto (2015, p. 71), ao destacarem que o ambiente não se limita ao espaço físico, mas compreende também as relações e os afetos que nele se estabelecem:

O termo ambiente diz respeito ao conjunto do espaço físico e às relações que se estabelecem no mesmo, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais das pessoas envolvidas no processo, adultos e crianças.

Partindo dessa compreensão, buscamos criar um ambiente que favorece tanto a expressão criativa quanto a interação entre as crianças e os personagens. Com base nos registros das primeiras experiências, aprimoramos a proposta e implementamos uma abordagem de teatralização cantada, utilizando charadas para que as crianças adivinhassem o próximo personagem, além de percussões corporais. Essa escolha foi feita a partir da percepção de que o som e o ritmo poderiam intensificar o envolvimento infantil, tornando a experiência mais interativa. Como observa Wolf (2023, p. 46):

Situações que envolvam a produção de sons podem ser experiências de boa qualidade, pois a percepção do som como produto de sua ação abre espaço para a intencionalidade e construção de estratégias variadas.

Com o avanço das documentações e reflexões, percebemos que a teatralização poderia ser potencializada ao integrar experiências estéticas que despertassem ainda mais a curiosidade e o encantamento das crianças. Dessa forma, além da teatralização em si, passamos a planejar momentos em que os personagens interagiriam entre si e com as crianças, convidando-as a participar da construção da história. Para cada apresentação, criamos oportunidades de interação direta, interrogando as crianças e incentivando sua participação ativa. Ao final da teatralização, o último personagem chamado passou a convidá-las para brincar nas estações mediadas pelos integrantes, garantindo uma transição fluida entre as diferentes propostas.

Essas mudanças e aprimoramentos só foram possíveis porque, ao documentar as ações realizadas, conseguimos perceber com mais clareza os desafios, os interesses das crianças e os aspectos que poderiam ser melhorados. A documentação pedagógica se tornou, assim, um

instrumento fundamental para avaliar e qualificar o planejamento, permitindo que cada nova experiência fosse construída com base nas observações e aprendizagens das anteriores.

As ações desenvolvidas com as crianças no Ateliê, reforçaram a importância do planejamento e da documentação pedagógica no processo educativo. Um exemplo significativo ocorreu durante uma das teatralizações de histórias, quando organizamos a apresentação em uma arena localizada no Instituto de Educação da FURG. Escolhemos esse espaço porque ele possui uma parte escondida atrás do "palco", onde os personagens poderiam aguardar o momento certo para entrar em cena, tornando a encenação mais envolvente para as crianças.

Durante a apresentação, porém, um menino, encantado e curioso com o novo ambiente, começou a explorar o espaço e foi até a parte de trás do palco. Ao chegar lá, deparou-se com todos os personagens, algo que não havíamos previsto em nosso planejamento. No primeiro instante, ficamos apreensivos, imaginando que ele revelaria aos colegas o que havia descoberto, rompendo com a surpresa da história. No entanto, para nossa surpresa, ele permaneceu em silêncio, guardando o segredo para que os demais pudessem se surpreender no momento certo.

Essa situação inesperada nos levou a refletir sobre como o planejamento, por mais detalhado que seja, está sempre sujeito a modificações no encontro com as crianças. A espontaneidade e a maneira como elas interagem com os espaços e as propostas fazem com que o planejamento seja um processo vivo, que se transforma a partir das experiências. É justamente nesse movimento de adaptação e reconstrução que a documentação pedagógica se torna essencial.

Ao documentar, registramos não apenas as atividades realizadas, mas também as descobertas e os gestos das crianças, suas curiosidades, dúvidas e emoções. Como afirma Ostetto (2017, p. 25) “[...] abertura e sensibilidade para conectar-se ao outro, para ouvi-lo. Curiosidade, dúvida, interesse, emoção estão por trás do desejo de escuta e, por isso mesmo, documentar é também compromisso, disposição de acolher as vozes do outro”. Nesse sentido, a documentação pedagógica não é apenas um registro técnico, mas um compromisso de

escuta e acolhimento, permitindo que as experiências das crianças sejam valorizadas e acolhidas.



Assim, aprendemos que **planejar não significa prever e controlar** todos os aspectos de uma atividade, mas sim estar aberto às possibilidades que emergem no contato com as crianças. A documentação pedagógica, nesse contexto, não apenas nos auxilia a construir uma memória educativa, mas também nos permite olhar para essas experiências com mais sensibilidade, reconhecendo a riqueza dos pequenos gestos, das descobertas e das relações que acontecem no cotidiano educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento e a documentação pedagógica não apenas qualificaram as experiências vivenciadas com as crianças, mas também foram fundamentais no processo de formação das bolsistas envolvidas nas ações do Ateliê da Infância e do NEPE. Ao refletirmos sobre nossas práticas e registrarmos as interações, fomos desafiadas a olhar com mais sensibilidade para as múltiplas formas de expressão das crianças e para os sentidos que elas atribuem às atividades propostas. Esse movimento nos permitiu compreender que o planejamento não deve ser um roteiro rígido, mas um caminho flexível, aberto à escuta e à participação ativa das crianças.

Além disso, a documentação pedagógica se revelou um instrumento essencial para o aprimoramento contínuo da nossa prática. Ao analisarmos os registros, conseguimos identificar avanços, desafios e possibilidades de resignificação das experiências, promovendo um olhar mais atento às especificidades de cada grupo e contexto, contribuindo também para o processo de formação inicial das bolsistas, para que nos tornemos profissionais mais críticos e reflexivos, capazes de articular teoria e prática de maneira significativa. Sendo assim, o planejamento e a documentação não apenas qualificaram nossas ações com as crianças, mas também fortaleceram nossa compreensão sobre a importância de uma educação que respeita e valoriza a infância em sua essência.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HAWKINS, David. A história de Malaguzzi, outras histórias e o respeito pelas crianças. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. *As cem linguagens da criança: A experiência de Reggio Emilia em transformação*. v. 2. Porto Alegre: Penso, 2015, p. 88 – 94.



IV ENLIC SUL

Encontro das Licenciaturas da Região Sul

HORN, Maria da Graça Souza; **GOBATIO, Carolina. Percorrendo trajetos e vivendo diferentes espaços com crianças pequenas.** In: FLORES, Maria Luiza; ALBUQUERQUE, Simone (orgs). **Implementação da Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas.** Porto Alegre: ediPUCRS, 2015. 322.

LARROSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, 2002, p. 20-28.

LOPES, Adriana da Silveira. **Organização dos espaços na creche: a estética como movimento acolhedor na apresentação das propostas pedagógicas para receber as crianças.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2024.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; ALMEIDA, Maria Isabel de (ed.). **A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades.** 20. ed. Cuiabá: Revista Educação Pública, 2011. 16 p.

PINAZZA, Mônica Apezatto; FOCHI, Paulo Sérgio. Documentação Pedagógica: observar, registrar e (re)criar significados. **Revista Linhas.** Florianópolis, v.19, n.40, p.184-199, maio/ago.2018.

MEN7107-07308A (20132): OSTETTO, Luciana. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco | Moodle UFSC.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia. **Documentação pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para transformação .** Porto Alegre: Penso, 2019.

OSTETTO, LucianaEsmeralda. **(Org.). Registros na educação infantil: pesquisa e prática pedagógica.** Campinas, SP: Papyrus, 2017

SANTOS FILHO, Djone Crizel dos; GONÇALVES, Ana do Carmo Goulart. **Afinal, o que é documentação pedagógica no contexto da Educação Infantil?** In: STUDINSKI, Marcelo Moraes (org.). Memória, saberes e narrativas docentes: práticas educativas e caminhos para a formação de professores(as). Porto Alegre: Casalettras, 2024. p. [9-27].

SILVA, Alessandra Nogueira Alves da. **A presença da professora frente às brincadeiras das crianças na educação infantil.** 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2024.



Encontro das Licenciaturas da Região Sul

IV PIBID SUL | IV Seminário do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

II RPS SUL | Seminário do Programa de Residência Pedagógica

WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o registro**: uma parceria entre professores, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

WOLF, Daniele Cristina. **Entrelaçamento de Experiências de Crianças e Adultos com Materiais Não Estruturados: ambientes, materiais, relações**. Edição 1. Jundiaí SP: CEDUC, 2023. 94.